

---

## O SILÊNCIO NA EXPERIÊNCIA MÍSTICA À LUZ DO PENSAMENTO DE PAUL EVDOKIMOV

*The Silence in mystical experience according to Paul Evdokimov's thoughts*

Natalino Guilherme de Souza<sup>1</sup>  
Luciana Cangussu Prates<sup>2</sup>

**RESUMO:** Na Tradição Cristã Oriental, ouvir o silêncio do Verbo é encontrar-se dentro da Palavra. É experimentar-se no Pai que está no segredo (Mt, 6:6). É manifestar-se pela inabalável certeza de que Deus existe. Inspirando-se nos Pais da Igreja, Paul Evdokimov dedica-se ao mistério do silêncio, associando-o à vivência da fé cristã. Nesse contexto, ele considera a necessidade de o homem entrar em si mesmo. Em sua perspectiva, somente pelo autoesvaziamento, é possível assumir-se na condição de servo, tornando mais palpável o testemunho do “Não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” (Gl, 2:20). Diante do exposto, a presente comunicação visa, a partir das questões da linguagem, analisar a influência que os conceitos de “silêncio” exercem na experiência mística para, em seguida, observar o movimento que esta gera nas concepções do termo. Para tanto, afirma-se que os argumentos se basearão especialmente na obra *O silêncio amoroso de Deus*, do mencionado autor ortodoxo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deus, Experiência, Linguagem, Mística, Silêncio.

**ABSTRACT:** In the Eastern Christian Tradition, listening to the silence of the Word is finding oneself within the Holy Gospel. It is to self experience of the Father which is in secret (Mt, 6: 6). It is to express oneself by the unbreakable certainty that God exists. Paul Evdokimov, based on the Church Fathers, studied the mystery of the silence, associating it to the Christian Faith. In this context, he takes into account the necessity of going deep within oneself. In his view, only by self emptiness, one can assume the servant condition and the testimony of "I live; yet not I, but Christ lives in me" (Gl, 2:20). Based on what was said above this paper aims at analyzing from the language perspective the influence of the concepts of "silence" in the mystical experience and then observe the movement that the latter generates in the conceptions of the former. For that matter, it is stated that the arguments used will be based especially on *O silêncio amoroso de Deus* by the mentioned author.

**KEYWORDS:** God, Experience, Mystical, Language, Silence.

---

<sup>1</sup> Natalino Guilherme de Souza é mestrando em Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. João Batista Libânio. E-mail: nadalsg@gmail.com

<sup>2</sup> Luciana Cangussu Prates é mestranda em Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Johan Konings. E-mail: luciana1857@yahoo.com.br

## **Silêncio: conceito multidimensional**

Linguisticamente, a palavra “silêncio” reveste-se de caráter polissêmico, o qual apresenta-se de forma multidimensional. O significado do termo varia de “abstenção da fala”, “cessação de som ou ruído”, “interrupção de correspondência ou comunicação”, “omissão de uma explicação” até “sossego, quietude, calma”, “segredo, sigilo”, “toque de recolher”<sup>3</sup>, dependendo do contexto em que é utilizado.

Tais concepções tornam-se superficiais quando a ciência linguística moderna evolui, evidenciando que, além delas, o vocábulo possui uma concepção mais importante: o “silêncio” é um verdadeiro “sinal” no âmbito das relações interpessoal<sup>4</sup>. Nessa perspectiva, mesmo diante de certa ambiguidade, o silêncio está sempre carregado de sentido. Assim, estabelecendo-se por circunstâncias vinculadas a determinado acontecimento, pode assumir-se tanto em aspectos positivos e elogiáveis quanto em características negativas e mortais<sup>5</sup>.

Diante disto, afirma-se que o silêncio é um fenômeno dificilmente definível. Todavia, apesar da complexidade que o marca, impõe-se como elemento fundamental do processo comunicativo e, também, como uma manifestação muito relevante no que diz respeito ao universo das experiências humanas<sup>6</sup>. Ilustrando o silêncio em uma espiral, pode-se dizer que seus múltiplos conceitos flutuam em dimensões periféricas, as quais giram em torno de um núcleo de valor semiótico, estruturado de acordo com ponto de vista de quem o analisa.

Reconhecendo que a semiologia atua na escolha do ponto central, torna-se necessário explicitar algumas delimitações importantes. O presente trabalho, ao se basear no fato de que o silêncio permeia a mensagem bíblica, visa associar a temática ao olhar teológico. Mais especificamente, este texto pretende vincular o assunto à experiência mística, tendo como base a Espiritualidade Oriental que vê o silêncio como um privilegiado meio para o encontro com Deus.

Ressalta-se, ainda, que, no que diz respeito à multidimensionalidade conceitual do silêncio, a definição dos significados que tendem para a margem e dos sentidos que se localizam no centro da espiral em análise será organizada pelo referencial da Revelação

---

<sup>3</sup> Dicionário Priberam da Língua Portuguesa ( <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=silêncio>);

<sup>4</sup> BÁEZ, Silvio José, Quando tudo se cala: o silêncio na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 15;

<sup>5</sup> BÁEZ, Silvio José, Quando tudo se cala: o silêncio na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 18;

<sup>6</sup> BÁEZ, Silvio José, Quando tudo se cala: o silêncio na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 15;

Cristã. Além disso, perante tantas dimensões semânticas, não se pode esquecer de que, na Bíblia, o silêncio também se realiza de modo ambíguo.

Negativamente, percebe-se o silêncio da morte; o silêncio da separação; o silêncio do exílio; o silêncio dos ídolos; o silêncio da doença; o silêncio da rejeição; o silêncio da tristeza; o silêncio do medo; o silêncio do ódio; o silêncio da destruição; o silêncio que exclui o outro. Positivamente, visualiza-se o silêncio da escuta; o silêncio da sabedoria; o silêncio da abertura; o silêncio da espiritualidade; o silêncio da comunhão; o silêncio do respeito ao próximo; o silêncio que prioriza o outro; o silêncio da prudência, o silêncio da serenidade; o silêncio da reflexão; o silêncio do amor; o silêncio da estupefação diante do mistério escondido desde toda eternidade e manifestado em Jesus Cristo, Filho e Palavra definitiva do Pai<sup>7</sup>.

Por fim, quando a experiência mística toca esses variados silêncios, recorda-se ainda que é imprescindível organizá-los didaticamente em silêncio divino e silêncio humano (sempre levando em conta o contexto em que se inserem). Acredita-se que a vida cristã está em constante relação com esses dois silêncios e diferenciar um do outro é mecanismo para o reconhecimento de Deus, bem como, conseqüentemente, para o autoconhecimento. Assim, quanto mais profundamente o homem silencia a si mesmo em sua vivência espiritual, mais ele consegue se relacionar com a silenciosa vontade de Deus, manifestada na Encarnação do Verbo.

Conforme os Pais da Igreja, antes de escutar verdadeiramente a mensagem do Verbo, é necessário aprender a ouvir o Seu silêncio. O silêncio é a essência da mística. Na Tradição

Cristã Oriental, ouvir o silêncio do Verbo é encontrar-se dentro da Palavra. É experimentar-se no Pai que está no segredo<sup>8</sup>. É manifestar-se pela inabalável certeza de que Deus existe. Para que essa realidade se efetive, verificam-se dois silêncios em diálogo teologal: O silêncio que se diviniza como dom gratuito, convidando o homem a ouvir a Palavra e o silêncio que se humaniza no movimento íntimo de se predispor a captar o Mistério, favorecendo a comunhão com o outro e com o Outro<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> BÁEZ, Silvio José, *Quando tudo se cala: o silêncio na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 19.

<sup>8</sup> Mateus, 6:6

<sup>9</sup> BÁEZ, Silvio José, *Quando tudo se cala: o silêncio na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 18;

## Experiência mística: um caminho revelado em Jesus Cristo

A palavra “experiência” também carrega sua pluridimensionalidade. Em seu sentido mais extenso, observa-se que o contato objetivo com a realidade produz conhecimento. Perante dados empíricos, o nível da sensorialidade se comunica com os níveis da inteligência, do juízo e da ética e, com isto, cria-se uma complexa rede de possibilidades experienciais. Consequentemente, surgem olhares, leituras, compreensões e saberes mais ou menos profundos dependendo de quem experimenta.

Isto significa que todo relacionar com um momento concreto implica, simultaneamente, uma ação de receptividade e uma postura ativa da consciência, as quais o interpretam de modo a aceitá-lo ou recusá-lo. Nesse movimento, transforma-se a si mesma. Além disso, o sujeito que busca conhecer, mediante o elemento interpretativo que o caracteriza, pode sofrer a influência da experiência (passivamente), provocá-la (proativamente) e, se necessário, organizá-la (dinamicamente)<sup>10</sup>. Há, ainda, uma natureza subjetiva a marcar essa trajetória: orientado por questões da linguagem e da cultura, o grau de diferenciação consciencial do indivíduo condiciona o seu modo de perceber e de elaborar um fato experimentado. Isto justifica a situação de pessoas presenciarem o mesmo acontecimento e terem, diante dele, impressões muito diferentes.

No que se refere à Teologia Espiritual, enfatiza-se que ela se ocupa com a noção de experiência em seu cunho religioso. Reportando-se essencialmente à Revelação, ela busca compreender, a partir das experiências de vida daqueles que se vinculam à fé da Igreja, os conceitos que regem a mentalidade cristã. Dessa forma, ao realizar o processo cognitivo mencionado acima, interliga uma relação vivida concretamente com uma realidade transcendente<sup>11</sup>. Há, nessa dinâmica, um duplo movimento: A consciência, ativando seu trabalho interno de conhecimento e de transformação, coloca-se na presença de Deus, predispondo-se à experiência objetiva de escuta e de acolhimento. Essa predisposição, por sua vez, reverbera em passividade perante à ação divina à qual será interpretada e elaborada a partir de elementos subjetivos.

Inspirando-se nos Pais da Igreja, Paul Evdokimov dedica-se à questão do silêncio, associando-o à experiência religiosa, especialmente à sua dimensão mística. Nesse contexto,

---

<sup>10</sup> BERNARD, Charles André. *Introdução à Teologia Espiritual*. Edições Loyola, 2005, p.27;

<sup>11</sup> BERNARD, Charles André. *Introdução à Teologia Espiritual*. Edições Loyola, 2005, p.27.

ele considera a necessidade de o homem entrar em si mesmo. Em sua perspectiva, somente pelo autoesvaziamento, é possível assumir-se na condição de servo, tornando mais palpável o testemunho do “Não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim”<sup>12</sup>. Autoesvaziamento, nesse percurso, não é visto como “silêncio do vazio” e sim como “silêncio do excesso”.

O termo “místico”, para o autor, assemelha-se à noção bíblica do Mistério e designa a comunhão de natureza nupcial como o laço mais íntimo entre Deus e o homem. Afirma que, em relação a isto, a Tradição Cristã Oriental jamais criou distinções claras entre mística e teologia, muito menos entre a experiência pessoal dos mistérios divinos e o dogma confessado pela Igreja<sup>13</sup>. Na verdade, ela salienta estreita ligação entre o itinerário sacramental e a vida da alma em Cristo<sup>14</sup>.

A vida mística, seguindo essa perspectiva, equivale-se à vida cristã, de modo a se tornar a expressão do amor de Deus pela humanidade<sup>15</sup>. Evdokimov confia que a vivência mística cristã conduz o homem à tomada de consciência, a qual, por sua vez, tende a conduzi-lo cada vez mais a um estilo de vida pleno de sacramento. Diante de tal equiparação, salienta-se o caráter eminentemente existencial da fé, bem como a importância do silêncio como arranjo fundamental da experiência religiosa.

Na visão do autor ortodoxo, não existe técnica para alguém se tornar senhor da experiência mística. O meio mais avançado, em sua opinião, é cultivado por meio do recolhimento silencioso em que o homem prosta-se no ápice da humildade orante de modo a permitir que a vontade divina e o desejo humano se reconheçam e se afinizem na figura de Jesus Cristo. O silêncio como postura de crer em Deus e de conhecê-Lo mesmo que em forma crepuscular acarreta experiências de se unir a Ele, por Jesus, e de se abrir à transfiguração em imagem e semelhança<sup>16</sup>. Infere-se que o ato de se recolher em silêncio ultrapassa, dessa forma, a concepção vinculada à ideia de ausência de palavra e de linguagem; assume-se como um desnudar-se na contemplação de Deus em Cristo.

Quando a criatura assume tal silêncio, mantendo-se receptivo, tende a experimentar no Espírito o quanto Deus não é evidente. Como consequência, percebe que, para captar cada vez mais profundamente o Mistério da Salvação, é convidado pelo silêncio humano a

---

<sup>12</sup> Gálatas, 2:20.

<sup>13</sup> EVDOKIMOV, Paul. *O Silêncio amoroso de Deus*. São Paulo: Editora Santuário, 2007, p. 39.

<sup>14</sup> EVDOKIMOV, Paul. *O Silêncio amoroso de Deus*. São Paulo: Editora Santuário, 2007, p. 47.

<sup>15</sup> EVDOKIMOV, Paul. *O Silêncio amoroso de Deus*. São Paulo: Editora Santuário, 2007, p. 41.

<sup>16</sup> EVDOKIMOV, Paul. *O Silêncio amoroso de Deus*. São Paulo: Editora Santuário, 2007, p. 42.

se nutrir do silêncio divino. Nesse contexto, o silenciar do Pai é o encerrar-Se em seu amor fiel e paciente, limitando Sua onipotência e Sua onisciência a fim de não violentar consciências<sup>17</sup>. Paralelamente, o silenciar do homem é a tentativa de se manter receptivo à penetração das energias divinas<sup>18</sup> com o intuito de compreender o incompreensível Deus imitando o Seu silêncio perante a Revelação em Jesus Cristo.

Ao afirmar que as pessoas conhecem o Pai em Suas energias, Paul não tem a intenção de dizer que elas se aproximarão Dele em Sua própria essência. Apesar de as energias divinas descenderem até a humanidade, Sua essência permanece inacessível. Portanto, verifica-se a distinção fundamental que a Tradição Oriental faz entre a essência de Deus e Suas operações. Esse apontamento não é uma abstração, mas sim um dado concreto da própria possibilidade da experiência mística. Assim, o pensamento evdokimoviano orienta que a ascese jamais é um fim, mas um meio para se chegar ao estado da unidade nupcial entre Deus e a alma humana. Esse grau último da experiência mística depende da Graça e tud aquilo que o homem pode fazer é abrir-se à sua influência irresistível para progressivamente se transformar em “lugar de Deus”<sup>19</sup>.

Toda reflexão apresentada funciona, portanto, como pano de fundo para se compreender que a experiência mística é um fenômeno totalizante, no qual a complexa realidade humana interliga-se com o Outro Absoluto e com seu misterioso perfil<sup>20</sup>. Quando o indivíduo está verdadeiramente implicado em viver isto, de forma pessoal e intransferível, inclina-se a uma quase-identidade com o Pai, transformando-se radicalmente. Por fim, diante do exposto, pode-se inferir que o silêncio, nesse caminho revelado no Filho, é a linguagem amorosa da comunicação homem-Deus.

### **Evolução conceptual do silêncio e da experiência mística: uma leitura**

A partir das questões da linguagem, pode-se analisar a influência que os conceitos de silêncio exercem na experiência mística, bem como observar o movimento que esta gera nas

---

<sup>17</sup> EVDOKIMOV, Paul. *O Silêncio amoroso de Deus*. São Paulo: Editora Santuário, 2007, p. 29.

<sup>18</sup> EVDOKIMOV, Paul. *O Silêncio amoroso de Deus*. São Paulo: Editora Santuário, 2007, p. 46;

<sup>19</sup> EVDOKIMOV, Paul. *O Silêncio amoroso de Deus*. São Paulo: Editora Santuário, 2007, p. 41.

<sup>20</sup> LIMA VAZ, Henrique. *Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental*. Edições Loyola, 2009, p.16.

concepções do termo. Diante disto, torna-se interessante criar uma leitura sobre a evolução<sup>21</sup> dos significados de silêncio e de experiência mística.

Existem diversos graus conscienciais acerca do silêncio, os quais impactam mais ou menos profundamente a experiência mística das pessoas. Diante dessa heterogeneidade, sabe-se que há um ponto em comum: todos passam por processos de diferenciação da consciência, independente dos tipos de vivências às quais se lançam<sup>20 22</sup>. Concentrando-se na vida cristã, afirma-se que a predisposição humana de se relacionar com Deus, em Jesus Cristo, acarreta uma espécie de deslocamento conceptual e existencial no que diz respeito à compreensão do que seja o ato de silenciar.

Como já mencionado inicialmente, o conceito de silêncio é multidimensional. Verificam-se conceitos em torno do termo, primeiramente, ligados às habilidades cognitivas do corpo, como o fechar a boca para não falar, o cerrar os olhos para não ver, o tapar os ouvidos para não ouvir. Percebe-se, também, significados vinculados às potencialidades anímicas, como a renúncia aos próprios pontos de vista, a abertura compassiva à ótica alheia, o respeito ao momento do outro. Observa-se, ainda, sentidos relacionados à dimensão espiritual, como a autêntica entrega à vontade de Deus e a intensificação do serviço aos demais na composição do Corpo de Cristo.

Voltando à ideia dos conceitos de silêncio em uma espiral em cujo núcleo encontra-se a Revelação, bem como considerando que o contato objetivo com essa realidade revelada produz conhecimento de Deus, conclui-se que:

- a) Perante o núcleo, as atitudes corporais em vista do silêncio (fechar a boca, cerrar os olhos, tapar os ouvidos) encontram-se em posição mais periférica, pois são visíveis, palpáveis, concretas àqueles que vivenciam essa experiência;
- b) Em um segundo estágio, as atitudes valorativas (renúncia, abertura compassiva, respeito ao próximo), ainda sendo concretas para os que vivenciam essa experiência, transcendem às de nível corporal, sem necessariamente coincidirem com reações mais perceptíveis vinculadas aos sentidos;
- c) Por fim, mais próximas ao núcleo, as atitudes pneumáticas (entrega total a Deus e serviço aos demais) dizem respeito à relação gratuita daquele que se entrega

---

<sup>21</sup> A ideia de evolução acolhida no texto é a de “transformação” sem frisar qualquer qualificação, nem tão pouco a perspectiva de “melhora” ou de “aperfeiçoamento”.

<sup>22</sup> Há infinitas maneiras de se relacionar com o Pai. Deus não é um lugar específico a ser trilhado; Deus é todo lugar.

Àquele que se dá. Esse nível de silêncio corresponde ao total abandono de si (ou até das posturas corporais e valorativas) de modo que os que provam dessa experiência tornam-se para si e para os que o rodeiam lugar teofânico da presença do Pai.

Cabe ainda uma última palavra acerca das três dimensões acima. Embora apresentadas pedagogicamente em categorias, elas não se encontram em ordem de oposição ou de hierarquia. Pelo contrário, são interdependentes e organizadas a partir da Revelação como ponto central. Vê-las como momentos estanques é correr o risco de perder o característico da experiência mística, qual seja: atividade da consciência que se abre à autocomunicação de Deus e, simultaneamente, receptividade diante do Mistério que se manifesta.

Em conclusão, percebe-se que a polissemia do silêncio reconfigura o processo da experiência mística, dando a ela elementos que promovem a diferenciação consciencial. Em contrapartida, a segunda também impacta os conceitos do primeiro, dinamizando-os e transformando-os quando ela se coloca como o núcleo a nortear os significados. Por fim, infere-se que esse movimento impulsiona o silêncio da experiência mística a se transformar na experiência mística do silêncio.

## Referências

BÁEZ, Silvio José, *Quando tudo se cala: o silêncio na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BERNARD, Charles André. *Introdução à Teologia Espiritual*. Edições Loyola, 2005.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=silêncio>. Acesso: 12/08/2013.

EVDOKIMOV, Paul. *O Silêncio amoroso de Deus*. São Paulo: Editora Santuário, 2007.

LIMA VAZ Henrique. *Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental*. Edições Loyola, 2009.